

BALSAS

Em todo o interior do Brasil, particularmente nos grandes rios navegáveis que banham regiões ainda muito despovoadas — não excluídos mesmo os maiores cursos d'água, como o Amazonas, o São-Francisco, o Paraná e o Paraguai — um dos meios de transporte mais cômodos, econômicos e seguros, é sem dúvida, o que se realiza pelas balsas

Sobretudo no rio Parnaíba, que desliza entre os territórios do Maranhão e Piauí, são as balsas uma curiosidade das margens desse rio e, acima de tudo, um prestante meio de transporte, usado e utilizado, desde os primórdios da ocupação humana da região, no primeiro quartel do século XVII

No seu aspecto mais primitivo, as balsas nada mais são do que jangadas de maior porte, empregadas, maximé, na condução de passageiros para a descida dos rios e, outrotanto, para o transporte de mercadorias

Diferem, entretanto, das jangadas, não somente pelas dimensões, mas, outrossim, pela circunstância de possuírem um estrado, flutuando a cerca de meio metro ou mesmo um metro, da superfície líquida, ao contrário do que acontece com as jangadas mais comuns

Assim como sofreram estas, certas variações quanto à forma e quanto aos meios de propulsão, assim também, passaram e vêm passando as balsas por modificações, mais ou menos sensíveis, em muitos de seus primitivos aspectos

As balsas sintetizam, geográficamente, uma forma de colaboração entre o homem e a natureza. Refletem, no aspecto, na segurança para os fins a que se destinam e no modo por que são impulsionadas, também o grau de civilização. E, sem dúvida, as tradições culturais conservadas, através dos tempos, pelos que hoje ainda a utilizam como meio de transporte, em regiões do interior longínquo, banhado por cursos d'água mais ou menos extensos e caudalosos

Na região típica das balsas primitivas, ou seja a servida pelo Parnaíba e seus afluentes, onde ao sul da mesma, superabundam as palmeiras buritis (Mauritia vinifera, MART), a construção de uma delas se realiza mediante um contrato, por assim dizer, tácito, entre a natureza e o homem, aquela fornecendo o material de construção e, este, o seu esforço e a sua técnica na feitura da balsa

No caso em vista, o material é constituído por grandes feixes de folhas e pecíolos de buriti e, ainda, por certa quantidade de cipós resistentes, utilizados à guisa de corda

Leves e de comprimento variável, de 2 a 4 metros, como se as encontram na parte norte-occidental da Bahia, ou de 11 metros em média, como existem na região piauiense, mais ao norte, as folhas do buriti, quando têm os pecíolos revestidos de casca, são com efeito resistentes e podem ficar imunes do encharcamento pela água, durante vários dias

Devidamente secos, possuem os pecíolos magnífica flutuação e, nestas condições, representam, pois, material de primeiríssima ordem para a construção de uma dessas primitivas e pitorescas embarcações do Brasil interior. No fundo, estas só podem ter, necessariamente, vida efêmera, por isso que apenas resolvem de fato, problemas ocasionais de locomoção, surgidos de chofre, muitas vezes, e num meio atrasado, rarissimamente povoado, tendo, além disso, por característica principal, um notável pauperismo econômico. Dessa maneira, explica-se o largo aproveitamento das balsas nas regiões interiores ainda desprovidas de vias e meios de transporte, mais acordes com o desenvolvimento atual da civilização, que sob o ponto de vista da circulação mede o valor das distâncias pelo fator tempo empregado em percorrê-las

Unidos os grandes fachos de folhas e pecíolos do buriti por meio de cipós, colocados em filas, forma-se, com o conjunto, um assoalho compacto e reforçado de varas possantes

Tem-se, desse modo, o fundo da balsa, sobre o qual pode-se erguer uma cobertura feita de palha, ainda de buriti, e da altura aproximada de um homem em pé conforme o rio a navegar

Quando o apuro da construção é maior, amarram-se os buritis, isto é, os pecíolos, às vezes, em quatro grandes rolos, "atracados de pos, entre si, — como descreveu o engenheiro GILVANDRO SIMAS PEREIRA, do C N G, — por travessas superiores e inferiores, no sentido transversal e unidas nas extremidades, as de cima com as de baixo, por meio de cipós, que é a corda usada em todas as amarrações da balsa"

Todo esse serviço preliminar da feitura do lastro, é feito em terra, ao fim do qual é, então, o lastro atirado n'água para os indispensáveis trabalhos complementares do acabamento. Estes variam segundo as possibilidades de tempo, conforme os recursos culturais e financeiros dos construtores e de acordo com a maior ou menor experiência dos mesmos na arte dessa construção naval indígena



Aliás, convém frisar: as balsas hoje geralmente usadas quase que são uma cópia fiel das itapabas ou balsas dos Paumaris do rio Purus, na Amazônia

A largura, o comprimento e a capacidade das balsas de buriti variam extraordinariamente, existindo tanto as de 11 metros de comprimento, com 5 metros de largura e capacidade para 2 toneladas, como as de maior extensão, porém de largura menor e, ao mesmo tempo, maior capacidade quanto ao peso que podem receber e transportar

Se estas últimas chegam a possuir a capacidade de até 7 toneladas, isso se explica pelo fato de se formar, na construção, uma compacta massa dos feixes de pecíolos do buriti capaz de resistir às cargas de maior peso

A que foi construída pelo pessoal técnico do C N G , para o regresso de sua excursão científica à região do Jalapão, tinha, por exemplo, 12 metros de comprimento por 2,5 de largura, sendo a altura de um metro, aproximadamente

Sua construção exigiu 7 200 pecíolos de buriti, ou sejam 60 feixes de 120 pecíolos cada um. Cada feixe, denominado localmente — balsa — nos altos cursos dos rios Sapão e Prêto, na Bahia, foi pago à razão de 5 cruzeiros cada qual, donde se verifica o baixo preço porque pode ficar a construção de um desses tipos de embarcação do Brasil-do-Buriti.

No médio Tocantins também existem balsas, porém, pequenas. Como sucede com as demais, descem o rio de bubuia, isto é, ao sabor da correnteza, mas sob o controle dos balseiros. E assim como no Piauí ou na Bahia Ocidental, a balsa do Tocantins é também construída com talos da palmeira buriti, dispostos em camadas superpostas, afim de constituírem o respectivo estrado flutuante

Entre os Paumaris — índios ictiófagos das lagoas do alto Purus — a construção das itapabas era, efetivamente, quase igual à das balsas do Parnaíba. Consistia na reunião de grandes troncos, numa direção, e na junção de outros superiores, perpendicularmente aos primeiros, sendo o conjunto resultante, atracado com cipós. Sobre o estrado, assim construído, edificavam a sua maloca, ou casa, um tanto semelhante às de Guaiacul, no Equador, tendo, porém, a cobertura de palha da forma comum às das nossas do interior campestre

Não dispoño de velas, eram impulsionadas por varas. O material empregado na construção não era, naturalmente, o buriti, mas sim, a aninga ou ambaúba, o mutati, o molongô, a seringueira, a ucuuba, a sumaúma e outras madeiras.

No Parnaíba e seus afluentes, as balsas — quando feitas para viagens mais ou menos longas — encerram, também, como as dos Paumaris, uma choça na tolda. Choça bastante confortável dentro da relativaidade ambiente. Aí se abrigam das chuvas e do sol, o proprietário e demais viajantes, bem assim, a carga quando existe

Geralmente, o carregamento ocupa quase todo o interior da casa de palha, havendo exemplos de se encontrarem balsas com a referida choça cobrindo a embarcação na totalidade

Consiste o carregamento em fardos de algodão, montes de cana de açúcar, rolos de tabaco, sacos de arroz, feijão, etc., pilhas de couro seco, peles, charque, maniçoba, aguardente, farinha de mandioca, rapadura, penas de ema, fibras várias e até cal

Quando uma balsa reveste o aspecto anteriormente descrito, sendo uma verdadeira casa flutuante e, ao mesmo tempo, meio de transporte e oficina de trabalho, então, é possível nela ver-se toda a família do proprietário vivendo na embarcação, de mistura com periquitos, galinhas, porcos, e araras ou arapongas engaioladas

Numa bem feita descrição de viagem, realizada numa dessas embarcações típicas do Parnaíba, MÁRIO BALDI focalizou a vida a bordo, numa reportagem, que pode ser aqui sintetizada do seguinte modo: de dia, mulheres cozinhando, lavando, amamentando os filhos, remendando as roupas; crianças brincando com os bichos; a balsa descendo pacificamente o rio, navegando de bubuia. À noite, as rédes esticadas para se dormir; as mulheres deitando-se mais cedo; os homens conversando ou fazendo "música", perto ou junto da cozinha, construída sobre três pedras tóscas, à boca do estrado. Ao romper do dia, o recomeço da atividade, com café bem quente e um singular banho, no rio. Nas margens, as praias imersas no escuro dos babaquais. Nas clareiras — de quando em vez — alguma fazenda ou certo rancho solitário. Quando não, uma ou outra vila ou pequeno povoado, surgindo espaçadamente, ao descer a balsa, levada pela correnteza. E no céu, finalmente, um contraste bem expressivo: um avião cortando os ares

Todavia, nos rios de margens ainda mais despovoadas, as do Prêto e Sapão, por exemplo, a caça e a pesca constituem o indispensável passatempo durante o dia. As aves cruzam a corrente líquida. Assiste-se, então, a um desfile de tucanos, mergulhões, garças brancas ou cinzentas, de perneio com papagaios e periquitos. E constantemente, por seu turno, jacarés emergem como que caçando balas

Já no médio Tocantins, há, porém, balsas cobertas com teto de couro e carregando somente couros São, assim, o veículo de que se vale uma região ainda de criação de gado para exportar os seus produtos de primeira grandeza

No rio Doce, contudo, acentuam-se divergências Já numa região, distante de sua zona principal, e muito diferente quanto à sua estruturação física e econômica, as balsas servem mais a passageiros e são constituídas, quase sempre, por um tablado de madeira da região, assente sobre três canoas, geralmente cercado por uma espécie de gradil, também de madeira É, sem dúvida, uma evolução da balsa típica, da mesma maneira que o são, as grandes balsas para o transporte de bois na zona do pantanal matogrossense. Aliás, as balsas de madeira, impulsionadas a varas, ou não, e seguindo cabos de arame, fixados em cada margem de um rio, são muito empregadas nas travessias dos cursos d'água em todo o interior do país São balsas-de-travessia e, por isso, apenas, aqui, se as mencionam. Fartamente usadas no sul e no leste, como no rio Camaquã, no Rio-Grande-do-Sul, no rio Itajaí, em Santa-Catarina e no rio Paraíba-do-Sul, no Estado do Rio-de-Janeiro, tais embarcações não se enquadram na classe das que sempre navegam de bubuia e são de construção efêmera e muito primitiva

Nas balsas propriamente ditas, a direção é dada durante a viagem por meio de compridas varas, manejadas por dois ou mais homens, colocados, um à proa e outro à popa, sendo este o piloto da embarcação

Outras vezes, utilizam-se os remos a pás para guiar a balsa nas curvas e para afastar os troncos de madeira que, com as pedras, dificultam e tornam a viagem perigosa

Entre Florianópolis e Teresina — por exemplo — assim viajava-se, há pouco tempo, numa balsa que apenas chegava a custar 90 cruzeiros, enquanto os dois práticos eram contratados a 100 cruzeiros por dia, cada um A viagem durava quatro dias e os viajantes comiam, bebiam e dormiam a bordo.

Todos esses aspectos das viagens em balsas pelo interior do sertão, hoje vão desaparecendo, pouco a pouco, graças ao desenvolvimento mais ou menos rápido de certas regiões e de certas zonas, como a que proximamente envolve a florescente capital do Piauí A civilização vai impondo os seus recursos em benefício de um maior conforto e bem estar dos cidadãos Mas, em compensação, perdem as referidas regiões e zonas um pouco do seu pitoresco Por outro lado, até que apareçam outros, deixam de constituir horizontes de trabalho para um grupo mais ou menos numeroso, porém, disperso, de pessoas radicadas a um gênero de vida peculiar, em função dos rios

Embarcações provisórias — por definição — as balsas, sobretudo as primitivas, do interior do buri, após haverem cumprido sua missão de veículo transportador, costumam ser vendidas, ao término de cada viagem, aos moradores locais, que lhe aproveitam, então, o material para a construção de suas casas e tapumes

Prestam, assim, mais um trabalho complementar fornecendo, agora, material de construção às regiões ou zonas onde eles escasseiam ou não existem, como sucede em Colônia ou suas cercanias, no Estado do Piauí, ou em toda a zona norte ocidental da Bahia

Os que acompanharam a embarcação, como trabalhadores e proprietários, regressam aos seus respectivos lugares de residência fixa, por terra, geralmente a cavalo

As balsas, no Piauí, são tão comuns, que um de seus rios — o rio das Balsas — recebeu o nome devido à flotilha dessas embarcações, que comumente trafegam em suas águas, sobretudo, na época das chuvas, quando a navegação se torna mais fácil, visto se acharem bem cobertas as cachoeiras

Segundo rezam as crônicas, foi VASCO DIOGO, aquele que primeiro navegou o referido rio, nele embarcando uma carga de couros, para isso usando uma série de balsas adrede preparadas

E foi também numa balsa — segundo ABREU LIMA — que o célebre padre ROMA, da Revolução Pernambucana de 1817, se transferiu de Alagoas para a Bahia, onde foi preso, ao saltar na Barra

Assim, sob qualquer aspecto em que possa ser tomada, a balsa está estreitamente vinculada à história da luta do homem contra um meio despovoado, inculto, porém, dádívoso

E antes de ser um reflexo de um nível de baixa cultura e de pauperismo econômico, é um expressivo exemplo do homem como agente-geográfico que luta por si mesmo, com sua experiência, com sua vontade e engenho, contra o obstáculo da distância Contribui, dessa maneira, para modificar, ainda mais rapidamente, a paisagem natural onde vive muito mais como ator do que como simples espectador

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA